



A LINGUAGEM E O SUJEITO EM BAKHTIN E O CÍRCULO

Language and the Subject in Bakhtin and the Circle

El Lenguaje y el Sujeto en Bajtín y el Círculo

*Wilder Kleber Fernandes de Santana. Doutor em Linguística. UNIFIP-Patos.
Wildersantana92@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-7569-499X>*

Ladisonia Rodrigues de Souza (UEPB). ladisonia16@gmail.com

*Elzenir Pereira de Oliveira Almeida (UNIFIP-Patos). Doutora. Elzeniralmeida1@fiponline.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7569-499X>*

DOI: 10.61223/coopex.v17i01.8279

Submetido: 28/05/2026

Aprovado: 03/06/2026

Resumo

Esta pesquisa realiza um estudo teórico-epistemológico das categorias linguagem e sujeito no pensamento de Bakhtin e do Círculo, estabelecendo diálogo com conceitos adjacentes como dialogismo, alteridade, heterodiscurso, polifonia e axiologia. Parte-se da compreensão de que a contemporaneidade, marcada pela multiplicidade identitária, pela heterogeneidade discursiva e pela intensa circulação de discursos, exige abordagens que compreendam a linguagem para além de uma perspectiva estrutural e o sujeito para além de concepções centradas, homogêneas e essencialistas. Nesse contexto, Bakhtin e o Círculo promovem uma ruptura epistemológica ao conceberem a linguagem como fenômeno social, histórico, ideológico e axiologicamente orientado, bem como o sujeito como realidade plural, dialógica, heterodiscursiva e permanentemente inacabada. A pesquisa fundamenta-se principalmente nas contribuições de Bakhtin e Volóchinov, além de dialogar com estudos contemporâneos sobre relações axiodialógicas e processos de valoração discursiva. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza teórica e bibliográfica, desenvolvida a partir da análise interpretativa de obras centrais do Círculo de Bakhtin e de estudos críticos relacionados ao tema. Os resultados apontam que a constituição do sujeito ocorre na interação com o Outro e nas relações dialógicas que atravessam os discursos sociais, evidenciando a inseparabilidade entre linguagem, ideologia, historicidade e processos de construção identitária.

Palavras-chave: Linguagem; Sujeito; Dialogismo; Alteridade; Bakhtin.

Abstract

This research carries out a theoretical-epistemological study of the categories of language and subject in the thought of Bakhtin and the Circle, establishing a dialogue with adjacent concepts such as dialogism, alterity, heterodiscourse, polyphony and axiology. It is based on the understanding that contemporaneity, marked by identity multiplicity, discursive heterogeneity and the intense circulation of discourses, requires approaches capable of understanding language beyond a structural perspective and the subject beyond centered, homogeneous and essentialist conceptions. In this context, Bakhtin and the Circle promote an epistemological rupture by conceiving language as a social, historical, ideological and axiologically oriented phenomenon, as well as the subject as a plural, dialogical, heterodiscursive and permanently unfinished reality. The research is mainly grounded in the contributions of Bakhtin and Volóchinov, while also engaging with contemporary studies on axiodialogical relations and discursive valuation processes. Methodologically, this is a qualitative, theoretical and bibliographic study, developed through the interpretative analysis of central works of the Bakhtin Circle and critical studies related to the theme. The results indicate that the constitution of the subject occurs through interaction with the Other and through dialogical relations that permeate social discourses, highlighting the inseparability between language, ideology, historicity and identity construction processes.

Keywords: Language; Subject; Dialogism; Alterity; Bakhtin.

Resumen

Esta investigación realiza un estudio teórico-epistemológico de las categorías lenguaje y sujeto en el pensamiento de Bakhtin y del Círculo, estableciendo diálogo con conceptos adyacentes como dialogismo, alteridad, heterodiscurso, polifonía y axiología. Se parte de la comprensión de que la contemporaneidad, marcada por la multiplicidad identitaria, la heterogeneidad discursiva y la intensa circulación de discursos, exige enfoques que comprendan el lenguaje más allá de una perspectiva estructural y el sujeto más allá de concepciones centradas, homogéneas y esencialistas. En este contexto, Bakhtin y el Círculo promueven una ruptura epistemológica al concebir el lenguaje como fenómeno social, histórico, ideológico y axiológicamente orientado, así como al sujeto como una realidad plural,

dialógica, heterodiscursiva y permanentemente inacabada. La investigación se fundamenta principalmente en las contribuciones de Bakhtin y Volóchinov, además de dialogar con estudios contemporáneos sobre relaciones axiodialógicas y procesos de valoración discursiva. Metodológicamente, se trata de una investigación cualitativa, de naturaleza teórica y bibliográfica, desarrollada a partir del análisis interpretativo de obras centrales del Círculo de Bakhtin y de estudios críticos relacionados con el tema. Los resultados indican que la constitución del sujeto ocurre en la interacción con el Otro y en las relaciones dialógicas que atraviesan los discursos sociales, evidenciando la inseparabilidad entre lenguaje, ideología, historicidad y procesos de construcción identitaria.

Palabras clave: Lenguaje; Sujeto; Dialogismo; Alteridad; Bakhtin.

Introdução

Nas últimas décadas, as Ciências Humanas e da Linguagem têm sido atravessadas por profundas transformações epistemológicas que colocam em xeque concepções tradicionais acerca da linguagem, do sujeito e da produção dos sentidos (Santana; Francelino, 2018; Signorini, 2024; Neres, 2024). Em um contexto marcado pela complexidade das relações sociais, pela intensificação dos fluxos comunicacionais, pela multiplicidade identitária e pela crescente circulação de discursos em ambientes físicos e digitais, torna-se cada vez mais insuficiente compreender a linguagem como um sistema homogêneo, estável e neutro ou conceber o sujeito como uma entidade autônoma, centrada e plenamente consciente de si (Fiorin, 2024). Nesse cenário, o pensamento de Bakhtin e do Círculo emerge como uma das mais importantes matrizes teóricas para a compreensão da natureza social, histórica, axiológica e dialógica da linguagem, bem como para a compreensão do sujeito enquanto construção discursiva, relacional e permanentemente inacabada (Santana, 2018a).

A obra do Círculo de Bakhtin representa uma ruptura significativa com tradições filosóficas e linguísticas que privilegiaram abordagens formalistas, estruturalistas ou individualistas da linguagem (Renfrew, 2014). Em contraposição a essas perspectivas, Bakhtin, Volóchinov e Medviédev defendem que a linguagem constitui uma prática social concreta, inseparável das condições históricas de produção dos enunciados e das relações ideológicas que permeiam a vida humana. Nessa perspectiva, a palavra deixa de ser entendida como signo linguístico e passa a ser concebida como signo ideológico, atravessado por valores, avaliações e posições sociais (Volóchinov, 2017). Da mesma forma, o sujeito deixa de ser compreendido como origem absoluta dos sentidos para ser concebido como resultado das relações dialógicas que estabelece com os outros sujeitos, com os discursos sociais e com a cultura (Bakhtin, 2006).

A relevância dessas reflexões torna-se ainda mais evidente na contemporaneidade, frequentemente caracterizada como pós-modernidade, período marcado pela fluidez das identidades, pela fragmentação das narrativas totalizantes, pela coexistência de múltiplas vozes sociais e pela crescente heterogeneidade dos processos comunicativos. Nesse contexto, compreender a linguagem como espaço de interação e constituição dos sentidos e o sujeito como realidade plural e heterodiscursiva revela-se fundamental para a compreensão dos fenômenos discursivos contemporâneos. As redes sociais digitais, os ambientes virtuais de interação, os discursos políticos, religiosos, educacionais e midiáticos evidenciam, diariamente, a coexistência de vozes sociais diversas que se entrecruzam, se confrontam e se reconfiguram em processos contínuos de negociação de sentidos.

Diante desse panorama, emerge a seguinte problemática de pesquisa: como as categorias linguagem e sujeito são concebidas no pensamento de Bakhtin e do Círculo, e de que forma contribuem para a produção dos sentidos? Tal questionamento conduz à necessidade de uma investigação que ultrapasse leituras fragmentadas das obras do Círculo e busque compreender a articulação epistemológica entre essas categorias fundamentais.

Parte-se da hipótese de que a linguagem, em Bakhtin e no Círculo, não constitui um sistema abstrato e autônomo, mas uma prática social, histórica, ideológica, axiológica e dialógica, na qual os sentidos são continuamente construídos nas relações entre sujeitos. Também é nossa premissa que o sujeito não pode ser concebido como unidade fixa ou identidade essencializada, mas como uma realidade plural, heterogênea, polifônica e heterodiscursiva, constituída na interação com o Outro e permanentemente atravessada por vozes sociais que participam da construção de sua identidade discursiva.

A justificativa desta pesquisa reside, inicialmente, na importância teórica das categorias linguagem e sujeito para os estudos linguísticos contemporâneos. Embora amplamente discutidas na tradição bakhtiniana, tais categorias frequentemente aparecem dissociadas ou reduzidas a interpretações simplificadoras que desconsideram sua complexidade epistemológica. Além disso, observa-se a necessidade de ampliar as discussões sobre as contribuições desses conceitos. Soma-se a isso a pertinência social da investigação, uma vez que os processos contemporâneos de produção de sentidos demandam abordagens capazes de

compreender a diversidade de vozes, identidades e posicionamentos que caracterizam a vida social atual.

O estudo fundamenta-se principalmente nas contribuições de Bakhtin, especialmente em *O autor e o herói na atividade estética* (2006), *A forma espacial da personagem* (2006) e *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* (2010), obras fundamentais para a compreensão da alteridade, da constituição do sujeito e das relações axiológicas. Também se apoia nas reflexões de Volóchinov presentes em *As mais novas correntes do pensamento linguístico no Ocidente* (2019 [1928]), *Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística* (2019 [1928]), *Estilística do discurso literário I: O que é a linguagem/língua?* (2019 [1930]) e *Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado* (2019 [1930]), textos que aprofundam a compreensão da linguagem como fenômeno social, ideológico e enunciativo. Complementarmente, dialoga-se com estudos contemporâneos desenvolvidos por Santana (2018a, 2018b, 2018c), especialmente no que se refere às relações axiodialógicas, aos processos de valoração e às dimensões axiológicas constitutivas da linguagem e do sujeito.

Nesse contexto, define-se como objetivo geral desta pesquisa: Realizar um estudo teórico-epistemológico das categorias linguagem e sujeito no pensamento de Bakhtin e do Círculo, estabelecendo diálogo com conceitos adjacentes como dialogismo, alteridade, heterodiscurso e axiologia.

Para alcançar esse propósito, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos: a) Analisar a concepção de linguagem desenvolvida por Bakhtin e pelo Círculo, destacando seu caráter social, histórico, ideológico, dialógico e axiológico; b) Investigar a constituição do sujeito na perspectiva bakhtiniana, tendo como fundamento *Para uma filosofia do Ato responsável*.

Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza teórica e bibliográfica. Trata-se de um estudo fundamentado na análise e interpretação de obras centrais de Bakhtin e do Círculo, bem como de pesquisas contemporâneas que dialogam com essa tradição teórica. O procedimento metodológico consiste na leitura analítica, interpretativa e problematizadora das fontes bibliográficas, buscando identificar convergências, especificidades e desdobramentos conceituais relacionados às categorias linguagem e sujeito. A abordagem qualitativa justifica-se pela natureza interpretativa do objeto investigado, cuja

compreensão demanda a análise dos pressupostos filosóficos, linguísticos e epistemológicos que sustentam o pensamento bakhtiniano.

Dessa forma, esta pesquisa pretende contribuir para o aprofundamento das discussões acerca das categorias linguagem e sujeito no âmbito dos estudos bakhtinianos, evidenciando sua relevância para a compreensão dos processos discursivos contemporâneos e reafirmando a atualidade do pensamento de Bakhtin e do Círculo diante dos desafios teóricos e sociais da pós-modernidade.

2 A concepção de linguagem em Bakhtin e o Círculo

A concepção de linguagem desenvolvida por Bakhtin e pelo Círculo representa uma profunda ruptura epistemológica com as perspectivas formalistas, estruturalistas e subjetivistas que marcaram grande parte dos estudos linguísticos tradicionais. Em oposição às abordagens que compreendiam a língua como um sistema abstrato, homogêneo e desvinculado das práticas sociais, Bakhtin (2006), Medviédev (2016) e Volóchinov (2017; 2019) defendem uma compreensão da linguagem enquanto fenômeno concreto da interação humana, historicamente situado, ideologicamente atravessado e axiologicamente orientado. Nessa perspectiva, a linguagem não pode ser reduzida a um conjunto de estruturas gramaticais ou a um instrumento neutro de comunicação, pois ela constitui o próprio espaço de produção dos sentidos, das relações sociais e da constituição dos sujeitos (Santana, 2018a).

Essa ruptura torna-se evidente especialmente nas reflexões de Volóchinov (2017), que critica tanto o objetivismo abstrato quanto o subjetivismo idealista presentes nas correntes linguísticas do início do século XX, propondo como o fundamento mais coerente até então o *materialismo histórico dialético*, em perspectiva marxista. Em *As mais novas correntes do pensamento linguístico no Ocidente*, Volóchinov (2019 [1928]) problematiza as limitações das abordagens que isolavam a língua de suas condições concretas de produção e circulação social. Segundo o autor, as teorias linguísticas formalistas reduziam a linguagem a formas abstratas e estáveis, ignorando sua natureza dinâmica e social. Para o pensador russo, a verdadeira substância da língua não reside no sistema linguístico isolado, mas na interação verbal realizada historicamente pelos sujeitos em situações concretas de comunicação.

Essa compreensão conduz à concepção de linguagem como prática social. A palavra deixa de ser concebida como unidade neutra e passa a ser entendida como signo ideológico. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov (2017) afirma que todo signo é ideológico porque reflete e refrata a realidade social. Assim, a palavra não apenas representa o mundo, mas o interpreta valorativamente, carregando consigo disputas sociais, posições ideológicas e horizontes axiológicos. Cada enunciado emerge de determinadas condições históricas e sociais e se insere em um campo de tensões entre diferentes vozes e valores sociais.

Desse modo, a linguagem é essencialmente histórica. Ela não existe fora do tempo social, tampouco pode ser compreendida independentemente das transformações culturais, políticas e ideológicas que atravessam a vida humana (Bakhtin, 2006; 2012). Os sentidos não são fixos nem universais; ao contrário, modificam-se de acordo com os contextos históricos e com os embates discursivos presentes em cada sociedade. A palavra, portanto, vive na história e é continuamente ressignificada pelas relações sociais. Nesse sentido, Volóchinov (2019a [1930]), em *Estilística do discurso literário I: O que é a linguagem/língua?*, reforça que a língua não constitui um sistema fechado e acabado, mas concebe-a como um processo contínuo de interação verbal realizado entre sujeitos historicamente situados.

Nessas entrelinhas argumentativas, a dimensão dialógica da linguagem constitui outro princípio fundamental do pensamento bakhtiniano (Di Fanti, 2003). Para Bakhtin e o Círculo, toda linguagem é atravessada pelo dialogismo. Isso significa que nenhum enunciado surge isoladamente ou inaugura os sentidos do mundo de maneira absoluta, haja vista que todo dizer responde a discursos anteriores e se orienta para respostas futuras. Em outras palavras, a linguagem existe sempre na relação entre vozes. O diálogo, nesse contexto, não se restringe à conversação entre indivíduos, mas representa o próprio princípio constitutivo da linguagem e da existência humana (Bakhtin, 2006).

Em *Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística*, Volóchinov (2019 [1928]) critica as abordagens que separavam rigidamente os aspectos formais da linguagem de suas dimensões sociais e ideológicas. Para o autor, compreender um enunciado implica compreender as relações dialógicas que o atravessam, os interlocutores envolvidos e os valores sociais em disputa. O enunciado nunca é neutro, pois ele sempre responde a outros enunciados e antecipa possíveis

réplicas. Assim, os sentidos são produzidos na interação entre consciências socialmente organizadas.

Essa perspectiva dialoga diretamente com as reflexões de Mikhail Bakhtin acerca da natureza social da linguagem e da constituição dos sentidos. Em *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*, Bakhtin (2010 [1934]) critica a separação entre forma e conteúdo presente nas teorias formalistas da arte e da linguagem. Para o autor, conteúdo, forma e material constituem dimensões inseparáveis da criação estética, pois toda produção discursiva é atravessada por valores sociais e posicionamentos axiológicos. Não existe linguagem destituída de valoração.

As contribuições de Pável Medviédev (2016) ampliam essa discussão ao enfatizar o caráter ideológico e social dos fenômenos culturais e discursivos. Em *O método formal nos estudos literários* (2016), Medviédev critica os formalistas russos por isolarem a obra literária de suas condições sociais de produção. Para ele, nenhum fenômeno ideológico pode ser compreendido fora da realidade social concreta. A linguagem, enquanto prática ideológica, participa diretamente das disputas de sentidos que constituem a cultura. Assim, os discursos não são produtos individuais e isolados, mas construções sociais permeadas por relações históricas, políticas e axiológicas. Na concepção deste estudioso,

É necessário saber isolar o próprio objeto de estudo e identificar, corretamente, suas peculiaridades específicas essenciais. [...] É necessário saber isolar o objeto de estudo e delimitá-lo corretamente, de modo que essa delimitação não o separe do que lhe é essencial, suas ligações com outros objetos, ligações sem as quais ele próprio torna-se incompreensível. A delimitação deve ser dialética e flexível (Medviédev, 2016 [1928], p. 133, grifos nossos).

Em outras palavras, Medviédev defende que toda produção discursiva se realiza no interior de campos ideológicos específicos. Cada esfera da atividade humana desenvolve formas relativamente estáveis de enunciados, organizadas segundo suas finalidades sociais e seus horizontes valorativos. Desse modo, a linguagem não apenas reflete a realidade, mas participa ativamente da construção das formas de consciência social. A palavra constitui-se como território de disputas ideológicas, no qual diferentes vozes sociais confrontam-se e produzem sentidos.

A compreensão da linguagem como fenômeno heterogêneo constitui outra importante contribuição do Círculo. A linguagem é atravessada por múltiplas vozes sociais, perspectivas ideológicas e formas de valoração. Não existe uma língua única, homogênea e neutra, mas uma multiplicidade de discursos em constante interação e tensão. Essa heterogeneidade discursiva manifesta-se na coexistência de diferentes estilos, registros, posicionamentos sociais e visões de mundo que atravessam os enunciados.

Em *Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado*, Volóchinov (2019b [1930]) destaca que o enunciado constitui a verdadeira unidade da comunicação discursiva. Diferentemente da frase abstrata estudada pela linguística estrutural, o enunciado possui caráter concreto, social e responsivo. Todo enunciado emerge em determinada situação comunicativa, responde a outros discursos e se orienta para um interlocutor. Assim, a linguagem realiza-se sempre em condições concretas de interação social.

Nessa linha de pensamento, as reflexões contemporâneas de Santana (2018) aprofundam essa dimensão axiológica e dialógica da linguagem. Em *Relações axio(dia)lógicas: nas fronteiras de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev* (2018a), Santana discute como os processos de valoração constituem elemento central na produção dos sentidos. Para o autor, o dialogismo não se reduz à simples presença de múltiplas vozes, mas envolve relações axiológicas que organizam os posicionamentos discursivos dos sujeitos. Todo discurso implica tomada de posição diante de outros discursos, revelando embates ideológicos e processos contínuos de negociação de sentidos.

Em seus estudos sobre discursos religiosos, Santana e Francelino (2018) evidenciam como a linguagem se constitui como espaço de disputa axiológica e construção de representações sociais. Os autores demonstram que os sentidos não emergem de estruturas linguísticas isoladas, mas das relações dialógicas estabelecidas entre diferentes vozes sociais e posicionamentos ideológicos presentes nos enunciados. Tal compreensão reafirma a concepção bakhtiniana de linguagem como prática social, histórica e valorativamente orientada.

Dessa forma, a concepção de linguagem em Bakhtin e no Círculo distancia-se radicalmente das perspectivas que compreendem a língua como sistema abstrato e autônomo. A linguagem é concebida como atividade social concreta, atravessada pela historicidade, pela ideologia, pela alteridade e pela axiologia. Os sentidos são produzidos no encontro entre vozes

sociais, em processos contínuos de interação e disputa discursiva. Nesse contexto, a palavra torna-se espaço privilegiado de constituição da vida social, da cultura e das formas de subjetividade (Bakhtin, 2006).

Assim, compreender a linguagem, na perspectiva bakhtiniana, implica reconhecer sua natureza múltipla, heterogênea, dialógica e axiologicamente orientada. Implica compreender que todo discurso carrega valores, responde a outros discursos e participa das relações sociais que constituem a experiência humana (Santana, 2018b). A linguagem deixa de ser instrumento neutro de representação para tornar-se prática viva da interação social e da construção histórica dos sentidos.

O Sujeito sob a Égide Círculo-bakhtiniana

A concepção de sujeito desenvolvida por Bakhtin e o Círculo representa uma das mais profundas reformulações epistemológicas realizadas no âmbito das Ciências Humanas no século XX. Em oposição às tradições filosóficas modernas que concebiam o sujeito como entidade racional, autocentrada, homogênea e autossuficiente, Bakhtin propõe uma compreensão do sujeito enquanto ser-evento único da existência, constituído nas relações dialógicas, históricas, axiológicas e alteritárias que atravessam a vida humana. Desde seus escritos iniciais, especialmente em *Para uma filosofia do ato responsável* (2012), o filósofo russo já delineava as bases de uma filosofia do sujeito fundada não na abstração racionalista, mas na concretude irrepetível da existência humana.

A crítica bakhtiniana dirige-se, inicialmente, às filosofias tradicionais da subjetividade que marcaram a modernidade ocidental. Em René Descartes (2004), o sujeito emerge como consciência racional autônoma, fundamentada no princípio do *Cogito, ergo sum*. O sujeito cartesiano existe a partir da certeza de sua própria consciência e encontra em si mesmo o fundamento do conhecimento e da verdade. Trata-se de um sujeito solipsista, centrado em sua interioridade, cuja relação com o mundo e com os outros torna-se secundária diante da primazia da razão individual.

Já em Immanuel Kant (2004), embora haja uma ampliação da reflexão acerca das condições do conhecimento, permanece a centralidade do sujeito transcendental. Em Kant, a

razão organiza a experiência por meio de categorias a priori, tornando-se fundamento universal da possibilidade de conhecer. O sujeito kantiano continua sendo unidade racional organizadora do mundo, preservando uma estrutura relativamente fixa e universalizante da subjetividade.

Mesmo em Martin Heidegger (2012), cuja filosofia desloca a discussão para a existência concreta do ser-no-mundo (*Dasein*), Bakhtin identifica limites relacionados à insuficiente consideração da alteridade concreta e das relações dialógicas constitutivas da existência humana. Embora Heidegger rompa parcialmente com o racionalismo clássico e enfatize o caráter existencial do ser, Bakhtin considera que sua filosofia ainda não alcança plenamente a dimensão ética, responsiva e dialógica da constituição do sujeito.

Em contraposição a essas perspectivas, Bakhtin elabora uma filosofia centrada no acontecimento concreto da existência humana. Em *Para uma filosofia do ato responsável* (2012), o autor desenvolve os fundamentos da chamada Prima Philosophia, uma filosofia primeira baseada no ato ético singular e irrepetível do sujeito no mundo. Diferentemente das filosofias abstratas da consciência, Bakhtin compreende o sujeito como participante único do existir. Cada sujeito ocupa um lugar singular e insubstituível na existência, marcado por sua condição histórica, axiológica e relacional.

O sujeito bakhtiniano não é uma essência pronta nem uma identidade acabada. Ele constitui-se continuamente no interior da vida concreta, nas relações que estabelece com os outros sujeitos e com os discursos sociais que o atravessam. A existência humana é concebida como acontecimento (*sobytie*), isto é, como evento vivo e dinâmico em permanente processo de constituição (Bakhtin, 2012). O sujeito é, portanto, um ser-evento da existência. Essa concepção rompe radicalmente com a ideia de sujeito fixo e universal. Para Bakhtin, não existe um “eu” plenamente concluído ou autocontido. O sujeito é inacabado, aberto e permanentemente constituído pela alteridade. Sua identidade emerge nas fronteiras entre o eu e o outro, entre a interioridade e a exterioridade, entre as múltiplas vozes que participam da construção dos sentidos.

A alteridade ocupa posição central nessa reformulação epistemológica da subjetividade. Em Bakhtin, o outro não representa ameaça à autonomia do eu, mas condição necessária para sua constituição. O sujeito somente se torna consciente de si por meio do olhar, da palavra e da avaliação do outro. Existe sempre um excedente de visão do outro sobre mim, uma

exterioridade que me permite adquirir acabamento provisório enquanto sujeito. Essa reflexão aparece de maneira significativa em *O autor e o herói na atividade estética* (2006a), no qual Bakhtin discute as relações entre autor e personagem para problematizar a constituição da subjetividade. O autor possui uma posição exotópica em relação ao herói, isto é, ocupa um lugar exterior que lhe permite enxergar aspectos inacessíveis ao próprio personagem. Tal noção de exotopia torna-se fundamental para compreender a constituição do sujeito humano: o eu necessita do outro para alcançar relativa completude axiológica e identitária.

Do mesmo modo, em *A forma espacial da personagem* (2006b), Bakhtin aprofunda a discussão acerca da exterioridade constitutiva do sujeito. O corpo, o olhar e a posição ocupada pelo outro tornam-se elementos fundamentais para a constituição da identidade. O sujeito não se constrói isoladamente em sua consciência interna; ele emerge na relação concreta com outras consciências socialmente organizadas.

Nesse horizonte, o sujeito é essencialmente dialógico. O dialogismo, em Bakhtin, não se limita à conversação entre indivíduos, mas constitui princípio ontológico da existência humana. O sujeito existe na relação. Toda consciência é atravessada pela palavra do outro, pelas vozes sociais e pelos discursos historicamente produzidos na cultura. Assim, não há subjetividade fora da linguagem e das relações dialógicas (Bakhtin, 2006). Tal perspectiva aproxima-se diretamente das reflexões de Valentin Volóchinov acerca da constituição ideológica da consciência. Para Volóchinov (2017), a consciência individual forma-se a partir dos signos ideológicos socialmente produzidos. O sujeito não nasce com uma consciência pronta e autônoma; ele constitui sua interioridade por meio das relações discursivas e das interações sociais. Toda consciência é semioticamente organizada e socialmente determinada. Afirma Santana (2018, p. 11) que

No processo de identificar-se alteritariamente, cada ato do sujeito é único, singular. Embora compartilhe com todos os outros uma dada estrutura de conteúdo, ou seja, esteja na base do social, mas seus atos são singulares. É desse modo, entre a singularidade e a universalidade; o pessoal e o social; o produto e o processo que se concretiza o papel do sujeito, de ser um agente responsável por si e *por meio de* outros. Esse sujeito é inescapável, não possui um alibi na existência, e por isso é responsivo.

Consequentemente, o sujeito bakhtiniano é heterogêneo. Sua identidade não é uma nem estável, mas composta por múltiplas vozes, valores e posicionamentos sociais que coexistem

em permanente tensão. O sujeito é atravessado pelos discursos da família, da religião, da política, da escola, da mídia e das diversas instituições sociais. Sua subjetividade constitui-se como espaço de embates discursivos e axiológicos. Nessas condições, a heterogeneidade aproxima-se do conceito de heterodiscurso, desenvolvido posteriormente por Bakhtin em seus estudos sobre o romance. O heterodiscurso representa a multiplicidade de vozes sociais presentes na linguagem e, conseqüentemente, na constituição da subjetividade. O sujeito fala sempre com palavras alheias, apropriando-se, reelaborando e ressignificando discursos produzidos socialmente.

As contribuições de Pável Medviédev também colaboram para essa compreensão social da subjetividade. Em *O método formal nos estudos literários* (2016), Medviédev afirma que os fenômenos ideológicos somente podem ser compreendidos no interior da vida social concreta. O sujeito, portanto, não constitui realidade psicológica isolada, mas produto histórico das relações ideológicas e culturais que organizam a experiência humana.

A dimensão axiológica também desempenha papel decisivo na concepção bakhtiniana de sujeito. Todo sujeito ocupa posições valorativas diante do mundo e dos discursos sociais. Não existe neutralidade na existência humana. Cada ato realizado pelo sujeito implica responsabilidade ética e posicionamento axiológico diante da realidade.

Em diálogo com Bakhtin, Santana (2018a) discute as chamadas relações axio(dia)lógicas, destacando que os processos de constituição do sujeito ocorrem por meio de relações valorativas continuamente produzidas no interior do diálogo social. O sujeito posiciona-se diante das vozes que o atravessam, concorda com algumas, rejeita outras e ressignifica muitas delas. Sua identidade emerge precisamente desses movimentos axiológicos e responsivos.

Assim, o sujeito bakhtiniano não pode ser compreendido como entidade fixa, homogênea e autocentrada. Trata-se de um sujeito vivo, dinâmico, relacional, histórico e inacabado. Sua existência realiza-se na linguagem, na alteridade e no diálogo contínuo com os discursos sociais. Diferentemente do sujeito cartesiano, centrado na consciência individual, do sujeito kantiano, estruturado pelas categorias universais da razão, ou mesmo do sujeito heideggeriano, voltado à ontologia do ser-no-mundo, o sujeito em Bakhtin constitui-se como acontecimento ético, responsivo e dialógico da existência.

Dessa forma, a filosofia bakhtiniana promove uma profunda reformulação da subjetividade moderna ao compreender o sujeito não como origem absoluta dos sentidos, mas como construção plural produzida nas relações sociais, históricas e discursivas. O sujeito torna-se, assim, um espaço vivo de encontro entre vozes, valores e alteridades que permanentemente participam da constituição da experiência humana.

Considerações finais

As reflexões desenvolvidas ao longo desta pesquisa permitiram compreender que o pensamento de Mikhail Bakhtin e do Círculo promove uma das mais significativas rupturas epistemológicas no campo das Ciências Humanas e da Linguagem ao deslocar o entendimento da linguagem e do sujeito para o plano das relações sociais, históricas, ideológicas e axiológicas. Em contraposição às perspectivas tradicionais que concebiam a linguagem como sistema abstrato e o sujeito como entidade racional, homogênea e autocentrada, Bakhtin, Volóchinov e Medviédev constroem uma teoria profundamente humanista e relacional, na qual o existir humano se realiza na interação, no diálogo e na alteridade.

A partir dessa perspectiva, a linguagem deixa de ser compreendida como instrumento neutro de representação da realidade para tornar-se espaço vivo de produção de sentidos, disputas ideológicas e constituição das subjetividades. Todo enunciado emerge em resposta a outros enunciados, carrega posicionamentos valorativos e participa das tensões sociais que atravessam a vida humana. A palavra revela-se, assim, como território de embates axiológicos, de encontros entre vozes sociais e de negociações contínuas de sentidos historicamente situados. Essa compreensão reafirma o caráter essencialmente heterogêneo, múltiplo e dinâmico da linguagem, rompendo definitivamente com perspectivas formalistas e estruturalistas que buscavam estabilizar os sentidos em sistemas fechados e universais.

Da mesma forma, o sujeito bakhtiniano apresenta-se como uma realidade radicalmente distinta do sujeito cartesiano, kantiano ou mesmo heideggeriano. O sujeito, em Bakhtin, não existe antes da relação; ele nasce na interação concreta com o outro, na linguagem e nas práticas sociais que constituem a experiência humana. Trata-se de um sujeito vivo, inacabado, heterogêneo e permanentemente atravessado por vozes sociais, valores e discursos que

participam de sua constituição identitária. Sua subjetividade não é fixa nem essencializada, mas processual, dialógica e historicamente situada.

Nesse sentido, a alteridade assume lugar central na constituição do sujeito e da própria existência humana. O outro deixa de ser percebido como ameaça à autonomia do eu e passa a ser compreendido como condição de possibilidade da consciência, da compreensão e da constituição identitária. O sujeito somente se reconhece porque existe um outro que o vê, o avalia, o interpela e lhe confere acabamento provisório. Tal compreensão inaugura uma ética da responsabilidade e da responsividade que atravessa toda a filosofia bakhtiniana, reafirmando a inseparabilidade entre linguagem, vida e existência concreta.

A relevância dessa abordagem para os estudos contemporâneos mostra-se particularmente expressiva em um contexto marcado pela fluidez das identidades, pela multiplicidade de vozes sociais e pela intensificação dos processos discursivos mediados pelas tecnologias digitais. Em uma sociedade atravessada por redes sociais, discursos instantâneos, conflitos ideológicos e disputas simbólicas cada vez mais complexas, a teoria bakhtiniana oferece ferramentas fundamentais para compreender a dinâmica dos sentidos, os processos de subjetivação e as formas de interação humana na contemporaneidade.

Os ambientes digitais evidenciam de maneira contundente aquilo que Bakhtin e o Círculo já apontavam no século XX: a linguagem é essencialmente dialógica, responsiva e heterodiscursiva. Nas redes sociais, nos discursos políticos, nos espaços midiáticos e educacionais, diferentes vozes sociais confrontam-se continuamente, produzindo embates axiológicos, negociações de sentidos e reconfigurações identitárias. O sujeito contemporâneo revela-se cada vez mais plural, fragmentado e atravessado por discursos diversos, reafirmando a atualidade das categorias bakhtinianas para a compreensão dos fenômenos discursivos contemporâneos.

Além disso, a perspectiva dialógica da linguagem apresenta contribuições fundamentais para áreas como Linguística, Filosofia da Linguagem, Educação, Análise Dialógica do Discurso, Estudos Culturais e Ciências Humanas em geral. Ao compreender os sentidos como construções sociais e históricas, Bakhtin e o Círculo oferecem possibilidades teórico-metodológicas que ultrapassam leituras reducionistas da linguagem e do sujeito, permitindo

análises mais sensíveis às relações de poder, aos processos de valoração, às disputas ideológicas e às múltiplas formas de constituição identitária presentes na vida social.

A centralidade da axiologia no pensamento bakhtiniano também se revela extremamente pertinente diante das demandas éticas e políticas da contemporaneidade. Em tempos marcados pela intolerância discursiva, pela radicalização ideológica e pela negação da alteridade, a filosofia do diálogo proposta por Bakhtin reafirma a importância da escuta, da responsividade e da abertura ao outro como fundamentos da existência humana. O dialogismo, nesse horizonte, não constitui apenas categoria linguística, mas princípio ético e ontológico que reposiciona o sujeito no interior das relações sociais e da vida coletiva.

Desse modo, a abordagem dialógica da linguagem e do sujeito desenvolvida por Bakhtin e pelo Círculo permanece profundamente atual e necessária. Sua contribuição ultrapassa os limites da teoria linguística e alcança uma compreensão mais ampla da condição humana, concebendo o homem como ser de linguagem, de relação e de alteridade. Em um mundo marcado pela pluralidade, pela complexidade e pela constante circulação de discursos, o pensamento bakhtiniano reafirma que nenhum sujeito existe isoladamente, nenhuma palavra é neutra e nenhum sentido é definitivo.

Conclui-se, portanto, que a filosofia da linguagem desenvolvida por Bakhtin e o Círculo continua oferecendo aportes teóricos fundamentais para os estudos contemporâneos, especialmente por compreender a linguagem como prática social viva e o sujeito como construção dialógica, histórica e axiologicamente orientada. Sua obra permanece como convite permanente à escuta do outro, à compreensão da multiplicidade humana e à valorização do diálogo como condição essencial da existência.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **O autor e o herói na atividade estética**. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006a [1979]. p. 3-20.

BAKHTIN, Mikhail. **A forma espacial da personagem**. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006b [1979]. p. 21-90.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 6. ed. São Paulo: Editora Unesp/Hucitec, 2010 [1934]. p. 13-70.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

DESCARTES. Obras. Col. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 2004. 335 p.
DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. **Veredas-Rev. Est. Ling, Juiz de Fora**, v. 7, n. 1, p. 95-111, 2003.

FIORIN, José Luiz. **Linguística? Que é isso?**. Editora Contexto, 2024.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Trad: Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp, RJ: Vozes, 2012.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes e Outros Escritos**. São Paulo: Martin Claret: 2004.

MEDVIÉDEV, Pável. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016.

NERES, Marisa. **Epistemologia das Ciências Humanas: Uma abordagem hermenêutica**. Viseu, 2024.

RENFREW, Alastair. **Mikhail Bakhtin**. Routledge, 2014.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Relações axio(dia)lógicas: nas fronteiras de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 45, p. 75-90, 2018a.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Teologia em foco: réplicas linguístico-axiológico-discursivas de Jesus ao ceticismo judaico no primeiro século da era cristã. **Revista Interações**, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 375-390, 2018b.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; FRANCELINO, Pedro Farias. **A representação linguístico-discursiva de Jesus Cristo em seu sermão sobre o cumprimento do amor a partir do evangelho segundo São Mateus**. *Revista da ANPOLL*, Florianópolis, v. 1, n. 45, p. 233-247, 2018.

SIGNORINI, Inês. **Situar a linguagem**. Parábola Editorial, 2024.

VOLÓCHINOV, Valentin. **As mais novas correntes do pensamento linguístico no Ocidente.** In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas.* Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019 [1928]. p. 147-182.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Estilística do discurso literário I: o que é a linguagem/língua?** In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas.* Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019a [1930]. p. 234-265.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado.** In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas.* Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019b [1930]. p. 266-305.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística.** In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas.* Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019 [1928]. p. 183-233.